



Boletim nº 04/2021

Direção Colegiada SINTUFSCar - Gestão 2021/2022
"Esperançar, Resistir e Lutar"

São Carlos, SP, 11 de junho de 2021



Há 27 anos eram assassinados, aqui em São Carlos, José Luiz e Rosa Sundermann

Um crime que o Estado brasileiro se recusou a desvendar



Há 27 anos, acontecia um dos crimes mais violentos da cidade de São Carlos. Na madrugada do dia 12 de junho de 1994 foram executados, em sua casa, José Luiz e Rosa H. Sundermann.

Zé Luiz, como era conhecido, fazia parte da direção do Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos da Universidade Federal de São Carlos (SINTUFSCar) e também da Federação de Sindicatos de

Trabalhadores Técnico-Administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil, a FASUBRA Sindical.

Ambos eram militantes do recém fundado Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e Rosa havia sido eleita, dias antes, para a Direção Nacional do Partido.

Ambos sempre estiveram presentes nas lutas sociais e mobilizações da região, tanto na Universidade quanto fora dela.

Entre 1990 e 1993, dirigiram as greves dos cortadores de cana da região, provocando o ódio dos usineiros e latifundiários.

O crime, que se encaixa perfeitamente num atentado político, foi tratado com muito descaso pela Polícia, que o caracterizou como um crime comum. Várias audiências com o Ministério da Justiça e com o DHPP, de São Paulo, foram em vão.

Todas as suspeitas dos mandantes levavam aos usineiros da região, em especial aos donos da Usina Ipiranga, cujos trabalhadores participaram da greve dirigida por Rosa e José Luiz.

Denúncias anônimas e um pedido formal de investigação dos usineiros feito pela Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa de São Paulo foram ignorados. A impunidade permanece até hoje. Em 2004, o Estado brasileiro foi denunciado na Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos), por negligência e omissão na investigação do assassinato. Esse crime mostra que, mesmo após a ditadura militar, os lutadores sociais continuam sendo vítimas dos poderosos, que matam e permanecem impunes.

Como foi o crime

José Luís e Rosa foram encontrados mortos em casa, às 3h30min do dia 12/06/1994. A porta da casa estava aberta, as luzes acesas e a televisão ligada. José Luís estava caído

de lado, com duas perfurações de bala no lado esquerdo da cabeça. Provavelmente estava sentado em frente à televisão, quando o(os) executor(es) entrou(aram) pela porta aberta e acertou(aram)-lhe fatalmente. Rosa estava caída ao seu lado o que indica que ela tenha visto José Luís ser alvejado e tentou se defender; o primeiro tiro atingiu-lhe o antebraço; como não a matou, o assassino aproximou-se, quebrou-lhe o maxilar, com a coronha do revólver, encostando a arma em sua cabeça e atirando.

Não houve a preservação do local do crime. As fotos da perícia policial saíram “queimadas”. Absolutamente nada foi roubado da casa, sequer talões de cheques o que corrobora com as características de execução sumária.

Tudo isso pode ser constatado no Inquérito Policial, aberto há quase 27 anos.

Lideranças políticas, sindicais, camponesas e religiosas, ligadas às causas dos mais pobres e oprimidos, são executadas sem receio de qualquer punição. Impera no país o sentimento de impunidade

Completo, em abril, 25 anos do massacre de Eldorado dos Carajás. Naquela ocasião (17 de abril de 1996) 21 trabalhadores sem-terra foram brutal e covardemente executados pela PM do Pará.

De acordo com o monitoramento realizado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), 320 trabalhadores e lideranças foram assassinados no Pará entre 1996 e 2019. Nesse mesmo período, outros 1.213 receberam ameaças de morte, 1.101 foram presos pela polícia, 30.937 foram vítimas do trabalho escravo e 37.574 famílias foram despejadas em decorrência de decisões judiciais.

Segundo Tito Moura, os conflitos no campo, ganharam outro formato a partir do golpe de 2016, que depôs a ex-presidente Dilma Rousseff, e da posse de Jair Bolsonaro (sem partido) à presidência da república.

Moura teme que, depois do fim da pandemia, as ameaças aos trabalhadores rurais voltem a se acirrar na região do Pará.

"Depois da pandemia, com a fome que o povo está passando, não tem outro lugar para as pessoas irem a não ser para as ocupações de terra. Vai ter conflito, com certeza.

Os assassinatos de Marielle Franco e Anderson ilustra bem a impunidade reinante no país.

Com Bolsonaro, número de conflitos no campo é o maior dos últimos 10 anos

Relatório produzido pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) aponta que o número de conflitos no campo, no primeiro ano de gestão de Jair Bolsonaro, é o maior dos últimos 10 anos, com um total de 1.833 ocorrências registradas em 2019. Em 2018 foram registradas 1.489 ocorrências de conflitos no campo.

O número de assassinatos no campo apresentou um aumento de 14% em 2019 (32) em relação a 2018 (28). As tentativas de assassinato, por sua vez, passaram de 28 para 30, aumento de 22% e as ameaças de morte, de 165 para 201.

Esses dados só corroboram a tese que no Brasil, a situação para toda a classe trabalhadora e para o povo é absolutamente crítica e perigosa. Morre-se por lutar, morre-se por fome, morre-se por falta de vacina.

19J: seguir nas ruas para derrubar Bolsonaro e salvar vidas!!!